

Sobre o símbolo

Eliete Villela Pedroso Horta

Maria Cristina Minicuci

Olga Maria Fontana

Vera Lúcia Furtado Paschoa

Nesta aula, uma aluna trouxe o caso de uma paciente de 35 anos que teve uma crise que começou com arrumar armários e não parava mais. Foi internada por isto.

“Em cada ato consciente, em cada moção consciente, existe a dinâmica inconsciente subjacente; em cada dinâmica inconsciente existe o emergente e aquilo que emerge já nos coliga com um novo conteúdo inconsciente. Isto significa que nos coliga com a vida. E se nós dividimos a vida – passado, presente e futuro – nos coliga tanto com o passado, como com o presente e com o futuro. Naturalmente, a nossa elaboração consciente, a nossa composição consciente, não permite que tenhamos uma ideia, uma visão clara sobre o passado e sobre o futuro, nós podemos ter apenas vislumbres; onde, naturalmente, o nosso estilo pessoal, o fluxo de nossa dinâmica pessoal, a nossa fase de individuação e a fenomenologia inconsciente emergente dentro de nós determinará a qualidade e a extensão dessa percepção nova, dessa percepção maior...”

O que aqui parece ser essencial é não se importar com explicações causais e nem com finalistas; não se importar com o fato de que em certos momentos, ou em certos dias, ou semanas, ou mesmo meses, a vida aparenta um aspecto extremamente confuso, porque são justamente esses momentos onde cada um de nós tem os seus recursos, ou em forma de renda, ou em forma de bolo, ou em forma de fazer ordem na estante, ou fazer ordem entre as roupinhas no armário, ou qualquer coisa. Esses são aqueles momentos quando, através de uma atividade organizadora – a gente poderia enumerar mais vinte, ou cem, ou duzentas desse tipo: ouvindo música, ou fazendo música, ou dando passos de dança, ou desenhar, ou pintar, etc. – esses momentos escuros indicam que uma coisa nova está se configurando, alguma coisa já está se configurando, mas por causa da inadequação da nossa visão não percebemos nem o vulto, nem os contornos, daquilo que está surgindo, não percebemos com os olhos, com a mira, mas às vezes como um fluxo quente que é diferente de um

fluxo frio, ou um fluxo que dá a sensação de veludo – estou dizendo coisas meio bizarras – dá sensação de veludo, que é um pouco diferente da sensação de toque de aniação, por ex., ou vice-versa.

Às vezes é tão imperceptível, ou tão indefinido aquilo que está chegando a nosso encontro, que tem uma peculiar ‘regra de jogo’ nisso, como estou observando, tem que entrar e depois experimenta e depois entende; não podemos ter uma explicação, fazer uma experiência e depois entrar... É quase como o início de um relacionamento amoroso: se realmente sentimos, a gente entra, experimenta, e depois explica se dava certo ou não.

É interessante esse caso (relatado pela aluna): ela ficou primeiramente fisgada no armário, porque com esse arrumar a gente enriquece-se e usa como trampolim para o passo seguinte. Agora, pode ocorrer que o nosso destino nos leva àquela vida de esquilo. Conhecem isso? Esquilo fica dentro daquela roda, como a gente chama, ou dentro daquele dispositivo que corre, corre, corre... e não há saída. Ela, depois de arrumar, não saiu, e ficou inconsciente, e talvez fascinada pela ordem, e recomeçou, e recomeçou, e recomeçou, e com isso significa que ficou ligada ao inconsciente e não podia voltar de lá. Isso se chama psicose, surto psicótico, em termos científicos.

Um símbolo é infinitamente capaz de se expandir. Se dentro do indivíduo ocorrer um certo amarramento em relação com esse simbolismo, com isto tornou-se inútil o símbolo para futuras realizações e futuros aproveitamentos. Muitas vezes não o símbolo torna-se insuficiente, mas a pessoa não sabe suficientemente expandir o símbolo; neste caso tem que recorrer a um outro símbolo. Mas para isso ela já precisava anteriormente fixar esse símbolo dentro de certas conceituações, e no fim suas próprias conceituações tornaram o símbolo já insuficiente... vimos muita ‘cuca’ (racionalização) no simbolismo... Um outro passo que precisamos considerar é que muitas vezes a pessoa fixa tanto o símbolo que, para um novo influxo de inconsciente, já não servirá mais, isto é, eu quero aqui defender o símbolo. Nós outorgamos um certo significado ao símbolo e ficamos com essa explicação e fixamos essa explicação. Embora o símbolo, na realidade, possa conter possibilidades de expansão maior, capaz de mostrar aspectos para uma explicação muito mais abrangente. Então, através da nossa fixação, essa forma de símbolo já não será capaz de assumir, assimilar, deixar entrar novos influxos do inconsciente. Agora, o que costuma ocorrer?

Jung também aponta em outro lugar que, depois de uma outra volta da espiral de desenvolvimento, reaparece o mesmo símbolo, mas já com contornos mais elásticos, capaz de assimilar muito mais, e aquilo que a

gente fixou, dissolveu-se. Mas simplesmente nós vivemos uma vida dentro de moldes onde achamos que fomos nós que estabelecemos os moldes, mas, na realidade, a possibilidade sempre de expansão é ilimitada. Mas nós costumamos pregar. E, nesse caso, temos que abandonar para reencontrar a mesma coisa de uma maneira já libertada. Esse despregar é um processo muito desagradável, porque tudo aquilo com que a gente se pregou, a gente se fixou, mesmo que seja uma fixação materna, uma fixação paterna, uma fixação com o marido, uma fixação com ideologias, temos que desfazer, não dando chutes, ou rasgando, ou destruindo, mas deixar que ocorra um desligamento, um desapego. Essa é uma das partes mais difíceis para executar, para um ser humano.

Se encaramos isso como um fluxo de sequências, como voltas de uma espiral, sabemos que tudo aquilo que foi inadequadamente resolvido, que não foi adequadamente corrigido ou emendado, chegará, em tempo hábil, para que seja corrigido e seja emendado. Tanto dentro de uma vida individual – isso temos que perceber, mas, na maioria dos casos não queremos perceber, não queremos saber – senão dentro de uma série de existências, onde, querendo ou não querendo, teremos que participar na alteração da vida, alteração do dinamismo universal, e seremos colocados em uma condição em que estaremos em condições de executar as emendas necessárias e as correções necessárias, não como uma obrigação, não como uma dívida, não como uma falta, mas como pequenos obstáculos a serem removidos perante a visão de uma meta maior. Esta ideia é muito importante: não encarar como obrigações, não encarar como coisas impostas, senão você não pode progredir. Esses obstáculos entram em certa regularidade, certa organização suave em nossa existência, e a gente só têm que resolver -- muito mais fácil do que tentar evitar, ou tentar pular fora porque vai reaparecer. Isto Jung tantas vezes aponta.

O passar de um símbolo para outro, ou o sair de um símbolo estreito, ou o ficar fisgado dentro de um símbolo estreito, todas essas modalidades, ou variações, podem ocorrer. E sabemos que a neurose, em termos junguianos, é sempre uma defasagem – não precisa ser colisão – uma defasagem entre a proposição do inconsciente e as pretensões da consciência. Isto não é um dogma, não é doutrina rígida, mas um fato empiricamente experimentado, que cada um de nós pode experimentar, nos mais diversos pacientes: que a proposição maior -- podemos chamar o fluxo maior – quer levar numa outra direção, através de um outro estímulo, outra configuração energética, o que nós pretendemos continuar, ou nós pretendemos criar algo, ou edificar algo. Colisão não resolvida e depois cria a neurose e a neurose, como disse uma vez Heyer, não é apenas a miséria da alma, mas pode ser a nobreza da alma, isto é, pode mostrar qual é o ponto onde devemos trabalhar com mais afinco, com mais consciência,

com mais atenção; qual é o ponto onde a gente, com facilidade, pode adormecer.”